

## Perceções e Práticas de Sustentabilidade: um olhar Intergeracional

Ana Maria Vieira, ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria - ana.vieira@ipleiria.pt

Ricardo Vieira, ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria - ricardo.vieira@ipleiria.pt

José Carlos Marques, ESECS.IPLeiria e CICS.NOVA.IPLeiria - jose.marques@ipleiria.pt

### Resumo

Nesta comunicação apresentamos alguns dados duma investigação em curso cujo objetivo fundamental é entender as perceções e práticas que pessoas de várias faixas etárias possuem relativamente a questões de sustentabilidade, em particular sobre temáticas ligadas à alimentação, à água, à reciclagem, aos transportes, à poupança e aos medos sobre os excessos de consumo e a não sustentabilidade.

Após uma abordagem teórica sobre a sustentabilidade, no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), das Nações Unidas, debruçamo-nos particularmente sobre os objetivos ligados ao consumo sustentável, à água potável e ao saneamento, por serem dois dos temas mais evidentes no discurso dos nossos entrevistados.

No trabalho de campo entrevistámos 4 sujeitos com as seguintes idades: 15, 22, 61 e 70 anos. Posteriormente à transcrição das entrevistas, fizemos uma análise comparativa das vozes captadas a propósito da importância que atribuem às práticas de sustentabilidade. Tentamos, assim, perceber de que forma a idade, o contexto sociocultural e a escolaridade destas pessoas influencia as práticas e perceções que as mesmas possuem sobre o tema da sustentabilidade.

O Desenvolvimento Sustentável constitui atualmente um dos problemas contemporâneos mais referenciados e discutidos, em termos globais. As alterações climáticas e as opções por estilos de vida cada vez mais sustentáveis e ecológicos são das principais preocupações da sociedade contemporânea.

Contudo, apesar desta inquietação, muitas das sociedades contemporâneas continuam adeptas do consumismo e do comodismo em grande escala.

A sustentabilidade é, pois, uma temática que necessita de um olhar atento, de políticas públicas adequadas e de uma educação social para a transformação de perceções e práticas, dada a urgência de uma consciencialização ambiental, da redução do consumo e de uma atenção focalizada na saúde e na qualidade de vida humana. Assim, consideramos ser fundamental a existência de uma educação social crítica, consciente e ecologicamente sensível para a melhoria da saúde da qualidade de vida e para sustentabilidade planetária.

Na investigação em curso temos como objetivo fundamental compreender e recolher as perceções, ideias e práticas desenvolvidas pelos elementos entrevistados, das várias faixas etárias apontadas, relativamente à temática circunscrita. Neste sentido, os objetivos específicos passam por perceber as diferentes perspetivas e conhecimentos sobre sustentabilidade, entender se as práticas, noção e interesse resultam de processos de educação escolar, familiar ou outros, e se as diferentes gerações transmitem semelhanças ou diferenças de Perceções e Práticas de Sustentabilidade.

A investigação adota uma metodologia de pesquisa interpretativa e qualitativa, tendo por base entrevistas abertas, dando espaço para a exposição do pensamento dos entrevistados, e para a construção de narrativas sobre as práticas pessoais e de outrem. Construímos um guião de questões abertas por forma a podermos flexibilizar e recontextualizar as perguntas em função das trajetórias sociais, da idade e da escolaridade dos sujeitos.

Palavras-chave: Sustentabilidade, ODS, Educação para a Sustentabilidade, Educação Social e Ambiental

## Quadro teórico

A Sustentabilidade é uma temática que tem vindo a ganhar espaço na discussão pública, na escola e fora da escola. A escola não se pode limitar única e exclusivamente à transmissão de saberes cognitivos. Deve preocupar-se também com a formação dos jovens para o exercício de uma cidadania ativa, responsável e esclarecida. Nesta linha, a educação ambiental é também educação social. Ela é uma parte importante da educação para a cidadania.

Assim, este tema apela a uma atenção especial, uma vez que cada vez mais se tornam urgentes as questões ambientais, a redução do consumismo e uma atenção focalizada na saúde humana. É fundamental uma educação para o ambiente, para a reutilização, reciclagens e sustentabilidade. Isto implica um conjunto de competências fundamentais para responder aos desafios que a educação do século XXI nos coloca.

Este texto resulta duma investigação em curso, na ESECS.IPLeiria e no CICS.NOVA.IPLeiria, Portugal, e tem como objetivo fundamental compreender as perceções, ideias e práticas exercidas pelos sujeitos entrevistados, relativamente às práticas de sustentabilidade.

Falar de sustentabilidade é pensar em formas de satisfazer as necessidades atuais sem comprometer as gerações futuras. Há, assim, um relacionamento grande com a problemática do crescimento/desenvolvimento que deveria ocorrer sem prejudicar o ambiente.

A escassez dos recursos naturais, os impactos da ação humana nos ecossistemas, a desigualdade social, a discriminação e a falta de princípios éticos na gestão organizacional são, por vezes, espelhos da não sustentabilidade.

Para potenciar a sustentabilidade é fundamental apostar em medidas de reciclagem e de reutilização que não ponham em causa os recursos para as gerações futuras. A exploração dos recursos minerais de forma planeada e moderada, o uso de fontes de energia renovável com o objetivo de minimizar o consumo de combustíveis fósseis, a promoção de atitudes ligadas à reciclagem e à reutilização, consumo, poupança e preservação das águas reduzindo o desperdício são bons exemplos dessas boas práticas (Schmidt & Guerra, 2013)

O planeta azul é cada vez mais confrontado com ataques de dimensão global, simultaneamente de âmbito económico, social, cultural e ambiental. Daí a necessidade de uma aposta global no uso de energias limpas, na reciclagem, na compostagem, na economia de água e na preservação do ambiente como os pilares fundamentais da sustentabilidade do planeta. Daí a aposta numa educação ambiental (Schmidt, 2010) e intrassocial (Tilbury, 2004)

De acordo com o Conselho Empresarial para o Desenvolvimento Sustentável, a agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU),

foram definidos os seguintes Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS): erradicar a pobreza; erradicar a fome; saúde de qualidade; educação de qualidade; igualdade de género; água e saneamento; energias renováveis e acessíveis; trabalho digno e crescimento económico; indústria, inovação e infraestruturas; reduzir as desigualdades; cidades e comunidades sustentáveis; produção e consumo sustentáveis; combater as alterações climáticas; oceanos, mares e recursos marinhos; ecossistemas terrestres e biodiversidade; paz e justiça; parcerias para o desenvolvimento.

Os ODS relacionam-se diretamente com as entrevistas realizadas aos quatro sujeitos que apresentamos abaixo, na medida em que procurámos apurar as suas perceções e práticas de sustentabilidade.

Interessa, agora, aprofundar alguns conceitos, designadamente o conceito de Desenvolvimento Sustentável (DS) e o de Sustentabilidade.

Segundo Baker (2006), as preocupações com a sustentabilidade surgem associadas ao aumento populacional, nos séculos XVIII e XIX, expandindo-se no século seguinte devido aos impactos ambientais provocados pelo desenvolvimento industrial. As preocupações com a degradação ambiental e com a necessidade de preservar as condições de vida na terra, são, contudo, mais antigas, sendo possível de identificar formas de "com cuidado, diminuir os efeitos perversos" das atividades humanas deste, pelo menos, o século primeiro da EC comum (Cato e Varro, 1954, cit. in Du Pisani, 2006, p. 85). As preocupações relativas ao uso excessivo da floresta, no século XVI na Alemanha (Du Pisani, 2006), ao desequilíbrio entre população e recursos, iniciadas com o ensaio de Malthus sobre os princípios da população e a melhoria futura da sociedade, no final do século XVIII (Malthus, 1798), e, de forma mais próxima, à crescente carbonização decorrente da aceleração do processo de industrialização, consumismo e crescimento demográfico que define uma nova época geológica designada por alguns por Antropoceno (Crutzen e Stoermer, 2000), constituem-se como marcos fundamentais na evolução do conceito, políticas e práticas associadas à sustentabilidade. A preocupação em torno da sustentabilidade associa-se, desta forma, ao desenvolvimento económico e social da humanidade.

O conceito tem sido usado no sentido de apontar para os efeitos da ação humana sobre os recursos naturais e para assinalar o receio de as gerações presentes e futuras poderem vir a estar privadas destes mesmos recursos. Conforme menciona o Relatório Brundtland (1987), trata-se de um conceito delineado pela visão antropocêntrica "uma vez que não atribui à natureza um valor intrínseco, mas meramente instrumental para os seres humanos", reforçando a preservação da natureza em benefício das gerações futuras, pela visão otimista, colocando esperança na coletividade humana, conduzindo à construção de um futuro sustentável.

A sustentabilidade refere-se a uma conceção sistémica resultante e refletida nas atitudes humanas e organizações, estando focalizada na sobrevivência do planeta.

## Metodologia e público alvo

A técnica eleita nesta fase da investigação em curso foi a entrevista aberta, de carácter exploratório, por permitir que o entrevistado exponha os seus pensamentos de forma naturalística.

O público-alvo com que iniciámos esta pesquisa foi diversificado tendo em conta idades, género e escolaridade. Usando fundamentalmente uma metodologia assente em entrevistas abertas, privilegiando a escuta ativa sobre os interesses e práticas da sustentabilidade da Brigitte, 15 anos, aluna do ensino secundário; da Vera, 22 anos,

estudante do ensino superior; do Abel, mecânico, 61 anos; e do Mário, aposentado, 70 anos, recolhemos narrativas sobre as práticas e representações que apresentamos de seguida essencialmente nas próprias palavras dos sujeitos investigados.

## Perceções e práticas sobre sustentabilidade

### A Brigitte

A Brigitte, 15 anos, aluna do ensino secundário, tem discurso fluído e estruturado sobre estas matéria que faz questão de clarificar: “[...] não é só em questões do ambiente [...] mas também em questões de alimentação [...] tem a ver com o impacto nas pessoas...em termos de saúde humana...quando estamos a poluir o ar [...] também nos estamos a prejudicar a nós [...]”.

Relativamente à sustentabilidade e meio ambiente, refere que “Se nós cuidarmos cada vez mais do nosso planeta, este também vai durar mais. Mas o problema é que nós não vamos reconhecer isso nos dias de hoje, mas si daqui a uns anos, porque não tem que ver connosco mais sim com o nosso futuro [...]”. As preocupações relativamente ao futuro ocupam um lugar central na reflexão da Brigitte: “[...] Sinceramente, tenho um bocado de medo do futuro, por exemplo, da minha geração, dos meus netos... Eu acho que se não começarmos agora a tratar dos problemas que se estão a começar a criar, acho que mais tarde não será a hora certa para remediar o que as nossas gerações prejudicaram!”.

Estabelece uma diferença entre as práticas quotidianas que considera fáceis de implementar e as mais difíceis de pôr em prática.

Relativamente às mais fáceis, refere “[...] não deitar lixo para o chão [...], reciclagem [...] diminuir o consumo de plásticos [...]”; “[...] plantar e consumir aquilo que plantamos [...]”; “[...] tomo banho mais rápido [...] ir buscar água à fonte [...] ir de autocarro para a escola [...], faço (trocas) de roupa ou dou [...]”; “[...] damos (comida) ao cão ou às galinhas [...], aproveitamos a água da chuva para regar [...]”.

Em relação às práticas mais difíceis, refere “[...] deixar de comer carne [...], podia andar de bicicleta ou a pé [...], mas [...] é impossível, porque vivo no campo, e tenho sempre de pegar no carro para ir à cidade, fazer compras ou assim...”

Questionada sobre a educação e sobre as referências biográficas e contextuais que poderão ter contribuído para estas preocupações, diz que “[...] veio através dos meus pais. [...]. Mas aquilo que tento praticar em casa, é tomada de consciência da minha parte, [...], acho que cada vez mais nas escolas há essa consciencialização [...] considero importante de referir [...] as redes sociais... Nas redes sociais cada vez mais há bastante informação e tomadas de consciência, o que nos ensina também... [...]”; “dou como exemplo a minha escola [...] vemos muitas reportagens sobre a sustentabilidade [...]”.

Relativamente às outras faixas etárias, Brigitte recorre ao conhecimento que tem das práticas dos seus avós e diz que “[...] os nossos avós, [...] têm, sim, essas práticas, mas fazem-nas sem consciência que aquilo é bom para o meio ambiente... fazem-no porque foi inculcado [...] por uma questão de economia [...] acho ser mais difícil consciencializá-los para a questão ambiental...”; “[...] as gerações mais novas estão mais preparadas para [...] a sustentabilidade [...] estamos mais consciencializados, mais informados [...]”.

Em termos de propostas de mudança, Brigitte sonha com um futuro mais sustentável e defende que as políticas têm um papel muito importante no que diz respeito à

implementação de mais regras. Nesta linha, defende que é com pequenas ações que se vai construindo a diferença:

*“Para mim, a diferença está nas pequenas coisas... e nesta questão da sustentabilidade é igual. Mesmo que achemos que o que estamos a fazer seja mínimo, não!... É sempre algo que faz toda a diferença, e que se fizermos todos essa mesma coisa, com certeza que contribuirá de forma positiva para um mundo melhor!*

A Vera

A Vera, estudante do ensino superior, de 22 anos, diz que através da reflexão sobre o desperdício da alimentação que veio a desenvolver outras preocupações ambientais e de sustentabilidade global:

*[...] o tema do ambiente, da sustentabilidade, da preocupação ambiental [...] nunca me interessei muito [...]. [...] o grande choque para mim, da sustentabilidade, foi mais a nível da alimentação, que depois me puxou para outras realidades [...] vi um documentário, o “cowspiracy” [...] aquilo foi um choque enorme! [...] Percebi que tínhamos de fazer alguma coisa e que, pessoalmente, tinha de ter mais atenção ao que estava a fazer aqui neste mundo [...] Então, para mim, a sustentabilidade é ter um modo de vida saudável que, por si só, engloba várias coisas, e que não prejudique o ambiente ao nível da redução de plásticos, da redução do consumo de carne... foi aí que eu comecei o meu caminho na sustentabilidade.*

A Vera acredita que a preocupação com o meio ambiente começa com cada indivíduo e suas práticas, designadamente com a reflexão sobre o consumo de plásticos e a consciência da importância de minimizar a pegada ambiental humana:

*“[...] se te preocupares com o meio ambiente, e quanto mais te preocupares com esse problema no geral, podes querer fazer a diferença, mas essa começa por ti! Começas por ter em atenção os teus hábitos e depois vais ao mais abrangente... Desta forma, estás-te a preocupar, não só contigo, mas também com os outros...*

A partir de uma reflexão sobre a aposta nas compras online que a Pandemia Covid-19 estimulou, a Vera reflete depois sobre a complexidade do processo que vai do produtor ao consumidor e sobre a confusão entre instrução/moldagem e educação:

*[...]Nos supermercados, na alimentação não sustentável pagamos as embalagens, ou seja, vem do produtor, para a fábrica que embala e depois, vai para o supermercado, são três distribuidores diferentes, enquanto que, na alimentação sustentável, nas lojas a granel, as pessoas veem o preço ao quilo e pensam “32€ o quilo?!” ...claro! Mas nós nunca levamos um quilo de tempero, levamos 100/150 gramas e poupa-se imenso, porque levamos as nossas embalagens e pagamos só o preço do produto, não pagamos o preço da embalagem.”; “[...] há demasiada informação e as pessoas não sabem pelo que é que se devem guiar... A maior parte da informação não é correta ou induz-te em erro, [...] se ouvirmos falar nas redes sociais:*

*“façam isto, façam aquilo... [...] acaba por não ser uma educação... acaba por ser instrução! Tentam moldar-te e, a meu ver, esse não é o objetivo.*

A propósito da transformação das suas práticas, entre diversos exemplos, dá como exemplo a substituição das garrafas de plástico por uma garrafa de vidro reutilizável assim como a substituição das palhinhas de plástico por inox:

*[...] antigamente comprava imensas garrafas de água, todos os dias, hoje em dia, já não compro garrafas de água, tenho uma garrafa de vidro que quando quero utilizar encho, comprei palhinhas de inox, é um bem supérfluo, mas já não uso palhinhas de plástico, ao nível da reciclagem faço sempre reciclagem [...]*

*[...] Antes deste segundo confinamento, tinha começado a ir a lojas de roupa em segunda mão, espantou-me o preço das peças e por outro lado saber que estava a dar uma segunda vida à roupa [...]*

*Quando sair da casa dos meus pais, estou a pensar em fazer uma horta e tentar ao máximo produzir algumas coisas para o meu dia a dia o que não for possível terei de comprar, mas sempre nesta ótica de ir ao produtor local, ao comércio local, não ir às grandes superfícies a não ser que seja mesmo necessário [...].*

Referindo-se a práticas difíceis de mudar, no tocante à sustentabilidade, exemplifica dizendo que “ [...] ainda tenho um grande passo a tomar ao nível do consumo de roupa, quero mesmo mudar isso [...]”; “[...] eu moro longe de tudo, se eu quiser ir a algum sítio tenho de, inevitavelmente, levar o carro”; “[...] consigo dar as minhas caminhadas, passear o cão e aí não utilizo o carro, mas para tudo o resto é necessário.[...]”.

Questionada sobre a construção da consciência ecológica que demonstra ter, não tem dúvidas em afirmar que tal resultou do contacto que passou a ter com pessoas vegetarianas. Como incidente crítico (Woods, Vieira, 1999) também construtor destas práticas e representações, assinala a importância de um documentário que visionou na escola, “Cowspiracy: the Sustainability Secret”:

*[...] Só me comecei a interessar quando conheci o meu namorado, foi ele que me apresentou as pessoas que eram vegans ou vegetarianas e começaram-me a falar um bocadinho sobre a alimentação deles, a preocupação com o meio ambiente... e como tive mais contacto com essas pessoas, foi a partir daí que eu comecei a pensar [...] no secundário vimos um documentário, o “Cowspiracy”...para mim, ver aquilo foi um choque enorme “[...] Lembro-me que para mim foi mesmo impactante... depois informei-me e vi outros documentários... Depois a comunicação social, divulgava cada vez mais os impactos ambientais e o que acontecia no meio ambiente, dos glaciares, da amazónia... tudo isso fez-me pensar [...]; “[...] num jantar, em 2015, [...] conversa puxa conversa, começámos a falar de temas como o veganismo e vegetarianismo, posteriormente sobre a sustentabilidade, [...] e partiu muito daí... A nível familiar, não houve nada que tivesse despertado este meu interesse, também um pouco derivado ao nível cultural*

Relativamente à análise comparativa que faz sobre as temáticas da sustentabilidade entre pessoas de diversos níveis etários, Vera não tem dúvidas que

*[...] Os nosso avós... e eu vejo pela minha avó que tinha nove filhos em casa... a principal preocupação dela era alimentá-los, primeiro. Não se pensava no meio ambiente como se pensa agora. [...]. A minha avó chegou-me a contar que no fim dos mercados apanhava a fruta do chão e as que tivessem em melhor estado era as que levava para fazer comida em casa, se formos a ver é sustentabilidade, porque é aproveitar, mas na consciência dela o que estava a fazer era assegurar necessidades básicas. Hoje em dia, há uma maior facilidade nisso, porque somos mais consciencializados desde novos para esta temática do meio ambiente e, portanto, mais cuidadosos com essas coisas. [...]*

Relativamente às políticas e às orientações da ODS, Vera refere que

*há imensa coisa que está a ir a favor do ambiente e da sustentabilidade, porém, considero que, é muito bom mudar o todo, mas não é possível mudar o todo se não educamos, consciencializamos e sensibilizamos as pessoas particularmente, está-se a implementar políticas a nível europeu, atenção, o que eu acho incrível, está-se a fazer história, estamos a mudar o processo das coisas, mas por outro lado as pessoas vão fazer os mesmos erros, isto porque não são informadas o suficiente sobre isso.[...]*

A acrescenta, a nível da construção de um futuro mais sustentável que

*[...] percebi que tínhamos de fazer alguma coisa e que eu pessoalmente tinha de ter mais atenção ao que estava a fazer aqui neste mundo [...]" ; " [...] é preciso educar as pessoas, mas não incutir, falar informalmente como estamos a fazer hoje sobre estes temas. [...] Se eu tivesse tido mais cedo alguém a ter a conversa que teve comigo naquele dia, mas numa escola, face a uma turma de trinta pessoas, mesmo que as trinta não mudassem de opinião, ficavam a conhecer, e se dez dessas pessoas mudassem o seu hábito já era incrível e se em cada turma dez pessoas mudam os seus hábitos ou um pequeno hábito, já vale a pena esta parte educativa.*

## O Abel

Abel, tem 61anos e é mecânico. Abel refere, reiteradamente, nas narrativas construídas ao longo da entrevista como conversa (Burguess, 1997) que temos de “cuidar do meio ambiente” e da nossa alimentação.

Refletindo sobre a sustentabilidade e o meio ambiente, concretiza dizendo “[...] a sustentabilidade [...] está direcionada ao meio ambiente... penso que será o nosso bem-estar, a nossa própria alimentação, tudo o que envolve resíduos saber separá-los, saber cuidar deles e assim sucessivamente...”.

Sublinha muitas preocupações com as práticas pouco ecológicas e pouco sustentáveis de muitas pessoas com quem interage, algumas ligadas à sua profissão de mecânico e ao futuro da sua própria família e da humanidade:

*[...] centram-se em pensar no dia de amanhã, pensar no futuro, pensar que tenho os netos e depois bisnetos e temos de lhes dar uma vida com um futuro risonho, um futuro feliz.” ; “[...] É muito triste, por exemplo, quando vamos fazer uma caminhada pelo campo, e encontramos sacos do lixo, pneus velhos, frigoríficos pela beira dos caminhos [...]” ; “[...] Quando eu vou às peças, vejo lá muito consumidor final a comprar jerricans de óleo [...] a título de curiosidade pergunto-lhes “vocês vão mudar o óleo do vosso carro e o que é que vão fazer ao óleo queimado?” respondem-me “voltamos a colocar dentro do jerricans e deixamos no contentor de lixo comum”... fico chocado!*

Em relação às práticas que procura desenvolver para ser diferente dos que critica e para pensar mais no futuro do planeta das pessoas e na sustentabilidade, elenca diversas mudanças que operou em si e que poderão servir de inspiração a outras mudanças necessárias para uma vida mais sustentável assente na reciclagem de inúmeras matérias:

*[...] eliminando tudo o que são lixos desnecessários, como pulverizações que se utilizam por vezes nas oficinas , vaporizações que vão para o ambiente, para a atmosfera [...] No caso das embalagens de spray em lata [...] são todos amassados e enviados para a sucata de metal...separar os lixos uns dos outros [...]cascas e frutas, tentamos deixar apodrecer para depois cultivar o solo e fortalecer as próprias plantas... todos os alimentos que produzimos são consumidos em casa [...]; [...] aproveitamos estrumes dessas aves para meter na terra [...] Sou caçador e ao dar um tiro, apanho sempre o cartuxo vazio, porque sei que aquele cartuxo, para ser destruído, demora cerca de oitocentos anos [...]” ; “[...]“[...] tenho dois tanques, de mil litros cada, onde vai ter toda a água que é recolhida pelos meus beirados... desta forma, aproveito essas águas para lavar os canis dos meus cães, para regar as plantas, e até para lavar a minha oficina! [...]*

Fala-nos, também, das mudanças mais difíceis de pôr em prática como é o caso da substituição dos sacos de plástico. Nas suas próprias palavras, “a redução do plástico vai ser um processo difícil para todos”:

*Os sacos de plástico [...] deveriam ser substituídos. Quando era miúdo [...] o saco de papel [...] ia para o lixo [...] passado dois dias estava podre [...] o saco de plástico, podem-no colocar no lixo, fazer-lhe o que quiserem que ele demora muitos anos para se deteriorar [...] para queimar vai subcarregar a nossa atmosfera com fumos e com poluições de plástico. [...] A redução do plástico acho que vai ser um processo difícil para todos, apesar de considerar ser um passo urgente.*

Fala-nos também da importância da Educação que passa muito pela história de vida de cada um, na sua própria opinião. O Trabalho na oficina de automóveis começou muito cedo na sua vida e a regra de tudo ter de limpar no final do dia, essencialmente as manchas de óleo para que não penetrassem no solo, são uma memória orientadora das suas práticas de hoje (Vieira, 2009):

*[...] comecei a trabalhar muito cedo [...] baseando-me na minha aprendizagem no ramo automóvel, [...] o chão tinha de estar sempre limpo! Uma mancha de óleo e tínhamos que pegar num pano [...] para que não houvesse infiltrações de óleos no solo. Penso que, com os anos, vamos adquirindo determinadas experiências e acabamos por saber o que estamos a fazer de bom para o ambiente. [...]*

Abel refere-se à mudança que observa nas práticas dos condutores que buscam a sua oficina. Os carros não vêm com tanto lixo. Há algumas preocupações com a reciclagem e isso só pode resultar de uma nova visão do mundo, de responsabilidade social e de educação social e ambiental:

*[...] antigamente os carros vinham para a oficina muito sujos e isso agora não acontece tanto, é muito raro [...] os condutores até têm um saco onde colocam os papéis de rebuçados, etc., onde colocam os papéis de rebuçados, etc. [...]*

Relativamente ao futuro e à importância de políticas de proteção do ambiente e de promoção da sustentabilidade, Abel defende uma maior fiscalização e mesmo a punição dos que transgridem. Reconhece que “*o meio ambiente está a ser bem desenvolvido, mas ainda espero muito mais*”.

#### O Mário

Mário tem 70 anos e é aposentado e tem discurso claro e sintético sobre o que é a sustentabilidade. Nas suas palavras, *A sustentabilidade é nós olharmos para uma melhor maneira de prevenir certos recursos disponíveis pelo planeta, para que estes continuem a existir nas gerações futuras.*”

Do seu ponto de vista, a sustentabilidade contribui enormemente para a qualidade do meio ambiente:

*[...] A sustentabilidade contribui para o melhoramento do meio ambiente, fazendo uma manutenção correta de, por exemplo, águas, resíduos, todas as materiais poluentes...*

A propósito das suas práticas que considera sustentáveis, situa-se primeiro numa preocupação com a alimentação, com o uso equilibrado, para além da reciclagem que diz fazer:

*[...] tento alimentar-me à base de alimentos de produção própria [...] evito químicos... evito alimentos que sejam produzidos de pulverizações poluentes que sejam nocivos para a saúde. Em relação aos restos, alguns utilizo para os animais [...] outros [...] são separados e colocados no lixo. [...] Também utilizo a água com prudência, [...], como a que recolho antes do banho, enquanto a água não vem quente, utilizo-as para as descargas do autoclismo, rega de ou jardinagem.”; “[...] em relação à reciclagem eu tento fazer [...], separação dos lixos para os respetivos contentores do plástico e do vidro (...) também faço reutilização, [...], de materiais que já tinham pouca utilidade ou quase nenhuma, então aproveito e renovo alguns desses materiais, como móveis antigos [...].*

Considera que hoje está mais limitado para poder implementar tudo o que defende como fundamental para diminuir a poluição e aumentar a sustentabilidade: “[...] em relação a

*esse ponto, uma vez que hoje tenho pouca mobilidade, é mais complicado! Mas quando ainda conseguia caminhar e movimentar-me bem, deslocava-me o máximo possível a pé...”.*

Levado a pensar sobre a importância da aprendizagem de valores e práticas de sustentabilidade, vulgo educação para a sustentabilidade, não hesita em responder sobre o que parece já ter teoria própria resultante da observação e reflexão quotidianas: *[...] algumas foram práticas que eu trouxe da minha geração e depois, consoante a evolução das gerações... outras práticas são reinventadas e aprendidas por mim. [...]*”. Quando pensa intergeracionalmente, defende que há já, hoje, um conhecimento profundo sobre a importância das práticas sustentáveis mas que no futuro essa consciência e práticas terão de aumentar:

*[...] hoje em dia, na minha geração, nós já temos um médio conhecimento, e temos que realmente fazer ver às gerações futuras que eles têm de traçar um nível ainda maior e mais rigoroso para corrigir certos erros que há, porque senão será ainda mais complicado e prejudicial para as gerações vindouras.*

No decurso das entrevistas/conversas, procurámos sempre levar a pensar sobre a importância das políticas públicas para a construção de um mundo mais sustentável. Também aqui, a partir dos seus 70 anos de vida, Mário mostra uma ideia muito própria sobre os passos que urge dar:

*contentores próprios para a prática de reciclagem, seria realmente um passo em frente para as pessoas aceitarem mais e cumprirem mais, porque era uma maneira que eles tinham de fazer cumprir, os filhos e todas as pessoas que vivam na mesma casa, ao terem esses contentores disponíveis para a separação dos lixos, poderiam vir a cumprir muito mais.*

Análise e comparação de narrativas e pontos de vista: algumas conclusões

Procedendo a uma análise comparativa das entrevistas realizadas, é perceptível que apesar das faixas etárias diferenciadas todos os sujeitos apresentam preocupações relativamente à sustentabilidade focando-se, essencialmente na questão ambiental.

Apesar de nos focarmos aqui apenas no início do projeto e com base apenas nas entrevistas abertas, foi possível abordar tópicos e preocupações comuns às quatro gerações, sendo que todos (Brigite, Vera, Abel e Mário) expuseram um conhecimento reflexivo e prático com muitos denominadores comuns, assim como uma noção relativamente atualizada sobre o tema da sustentabilidade.

Parece haver alguma diferença de perspetivas face à importância da educação para a sensibilização e consciencialização da importância das práticas de sustentabilidade. Ao longo das conversas realizadas apenas foi verbalizada por parte das estudantes, a importância da escola para a sensibilização, consciencialização e passagem de informação relativa à sustentabilidade, de modo a promover boas práticas de reutilização e de gestão equilibrada. Os mais velhos tendem a reforçar a educação geracional e aprendizagem ao longo da vida, a tão referida escola da vida por parte do senso comum.

No que toca à perspetiva política, todos os entrevistados consideram ser essencial a implementação de mais e melhores políticas em prol do ambiente, da qualidade de vida e da sustentabilidade.

A Educação Social poderá ter aqui um papel ainda mais visível tanto na educação escolar como na educação fora da escola e ao longo de toda a vida. A Educação Social poderá contribuir para toda esta (trans)formação a partir de novas propostas pedagógicas de educação ambiental e de promoção da educação para a mudança de comportamentos e mentalidades em relação ao desenvolvimento sustentável.

#### Referências Bibliográficas

- Baker, S. (2006) *Sustainable Development*. London: Routledge.
- Burguess, R. (1997). *A pesquisa de terreno: uma introdução*. Oeiras: Celta editora.
- Crutzen, P.J. e Stoermer, E. F. (2000). The ‘Anthropocene’. *Global Change NewsLetter*, 41, pp: 17-18.
- Delors, J. (1996) (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: edições ASA.
- Du Pisani, J. A. (2006). Sustainable development – historical roots of the concept, *Environmental Sciences*, 3:2, pp: 83-96.
- Malthus, T.R. (1798). *An essay on the principle of population as it affects the future improvement of society, with remarks on the speculations of Mr Godwin, M. Condorcet, and other writers*. London: J. Johson.
- Schmidt, L. e Guerra, J. (2013). Do Ambiente ao Desenvolvimento Sustentável: Contextos e Protagonistas da Educação Ambiental em Portugal in *Revista Lusófona de Educação*, 25, pp. 193-21.
- Schmidt, L., Nave, J.G. & Guerra, J. (2010), *Educação Ambiental - Balanço e Perspectivas para uma Agenda mais Sustentável*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Tilbury, D. (2004). Rising to the Challenge: Education for Sustainability in Australia. *Australian Journal of Environmental Education*, 20(2), pp. 103-114.

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «UIDB/04647/2020» do CICS.NOVA – Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.

This work is financed by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology, I.P., within the scope of the project «UIDB / 04647/2020» of CICS.NOVA - Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa.